

IMPRENSA (1)

NOTÍCIAS DE BARCELOS

Ano I
N.º 9
Quinta-feira, 11 de Fevereiro
1988
Preço 35100
AVENÇA



BARCELOS POPULAR



BARCELOS
PORTE
PAGO

Cartão 7100
Arrenda 2 Anos 24.000 Contos
Grande Guerra - 8572200

SEMANÁRIO REGIONALISTA

ANO XVIII - N.º 984



A VOZ DO MINHO

Redacção, Administração e Sede:
Av. de 1.ª de Abril, 70-1.º - Tel. 82757
4750 BARCELOS

Director e proprietário:
DR. MANUEL ALVES DO VALE LIMA
Director adjunto: Eng. T.º Sérgio Azevedo
Chefe de Redacção: Dr. Fernando Rêgo
Relatores: M.ª Lúcia Durães
Administração: António Alberto Feresitas
Delegado em Externas: Domingos Neves



BARCELOS
PORTE
PAGO

Grupo e Imprensa:
Companhia Editora do Minho
4750 BARCELOS

O JORNAL DE MAIOR EXPANSÃO EM BARCELOS

SÁBADO, 31 DE AGOSTO DE 1988



Jornal de Barcelos

Semanário Católico e Regionalista

QUINTA FEIRA
12
NOVEMBRO
1987
Imprensa Local
N.º 2794-87
R.ª média 15000

AVENÇA

Proprietário:
Empresa Editorial Jornal de Barcelos, Lda
Como e Imp. Tip. Diólio de Mota - Braga

Director:
Dr. Armando Pereira do Vale Miranda

Redacção e Administração:
Avenida João Paulo II 113 (Velho) - Telefone 811520
4750 BARCELOS

ANO LXXV NÚMERO 3.799

O JORNAL MAIS ANTIGO E DE MAIOR TIRAGEM DE BARCELOS

BARCELOS
PORTE
PAGO



Redacção, Circulação e Sede:
Rua Barjeira de Freitas, 16-18
4750 BARCELOS

Proprietário: Rita Luísa Maria Cardoso de Carvalho (Caldas) e unidos

SEMANARIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL - POR BARCELOS

ASSINATURAS
Por ano 40000
Preço avulso 2050

Director:
Pedro JOAQUIM FARIA DE BRITO
Director adjunto:
ANTÓNIO JOSÉ DE SOUSA COSTA
SÁBADO 3 DE MARÇO DE 1985

Administração:
Rua Barjeira de Freitas - 4750 BARCELOS
Imprensa:
Companhia Ed. do Minho - 4750 BARCELOS

Este jornal pertence ao grupo de imprensa da Companhia Editora do Minho - Barcelos



TEMAS BARCELENSES
CADERNO 4
ABRIL 1988

B)
70(469.12)
IAS



IMPrensa BARCELENSE

Vários estudiosos se têm debruçado, ultimamente, sobre a Imprensa Barcelense. Uns procuraram fazer uma listagem, o mais completa possível, dos jornais locais; outros anunciaram planos mais ambiciosos; outros ainda, procuraram sistematizar os elementos encontrados em pesquisas aturadas.

Pelo nosso lado, apenas queremos dar a conhecer o resultado da comparação dos dados até agora publicados, bem assim como a síntese das nossas próprias pesquisas.

Esperemos que outros, com mais propriedade, passem um dia vir a fazer a História da Imprensa Barcelense.

Penso ter sido o Dr. António Ferraz a primeira pessoa a interessar-se por este assunto. Na verdade, deve-se a este erudito investigador das coisas de Barcelos, a elaboração de uma lista com o nome dos jornais locais, tendo anotado igualmente as datas da impressão e suspensão de cada um deles. Essa lista deveria ter sido cedida, por volta de 1907 ao abade António Fernando Pais de Vilas Boas que, assinando "A. Paes", começou a publicar em "Barcellos-Revista", no nº 5, da 2ª quinzena de Abril de 1909, uma retrospectiva da imprensa local.

Dáí para cá, outros historiadores das coisas de Barcelos, têm procurado completar esses trabalhos, de forma a termos uma panorâmica, o mais completa possível, da nossa imprensa. De entre eles, gostaria de distinguir o Tenente Cardoso e Silva (Z), João Miranda, os Drs. Francisco de Almeida, Falcão Machado, A. Rodrigues, Sá Cachada, Armando Malheiro, e, não a nível barcelense, mas num âmbito distrital, A. Lopes de Oliveira.

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 56095

O BARQUEIRO DO CAVADO

1

Parece não restar qualquer dúvida de que teria sido "O Barqueiro do Cavado" o primeiro periódico fundado em Barcelos.

Aparecido em 25 de Outubro de 1853, e não a 13 do mesmo mês como o indicam a maioria dos autores, penso tratar-se de uma revista literária e não de um jornal. Estou mesmo em crer que, o que levou todos os autores a considerá-lo jornal, teria sido o facto de não terem podido observá-lo, uma vez que o próprio A. Lopes de Oliveira, na sua "Imprensa Bracarense", confessa não ter encontrado este periódico nas buscas que teria feito nas bibliotecas oficiais.

Foi-me dado o privilégio de manusear um exemplar de "O Barqueiro do Cavado", existente na biblioteca que foi de Antero de Faria, e, pude verificar o que acima afirmo.

Não tem qualquer character noticioso, apenas literário; tem o formato de livro, 116 páginas, mede 15,5 x 20,5 e, apesar do que se tem escrito, apresenta uma impressão que poderemos considerar muito boa, para a época, embora tenha sido impresso num prelo de madeira. A. Paes, no nº 5 de "Barcellos-Revista", diz: "... impresso n'um prelo de madeira, pelo que sahia bastante imperfeita a impressão...", e, mais adiante, "no dia da tiragem era um pagode por causa do prelo; era da gente arrebentar a rir!".

A obra foi impressa em quatro fases e em duas tipografias: pg. 1 a 8 e 9 a 12, em Barcelos, na Typ. de J. A. Valº e Sousa; de 13 a 60 e 61 a 116 no Porto, na Typ. de D. J. da F. Pascoal, rua de St. António, nº 125.

No exemplar estudado há um artigo intitulado "Tres annos da minha infancia", subscrito por "Um Academico", e que é datado de Alheira a 25 de Dezembro de 1853, dois meses depois da data do início da revista.

Na página 8 podemos ler: "Subscreve-se, em Barcellos: Na TYP. de J. A. Valº e Sousa", o que nos dá a certeza de uma intenção de periodicidade.

Fundado por José Silvério da Cunha Osório, que foi o seu principal redactor, tinha como colaboradores José Vieira de Sousa Coutinho, abade de Requião, e José Maria do Rosário Vilas Boas, (padre José Vilas).



Com o sub-título "Ensaio Práticos da Mocidade", este periódico, segundo A. Paes, teve pouca duração. Lopes de Oliveira escreve que parece terem saído apenas dois números, o que não deve corresponder à verdade se atendermos às quatro fases da sua impressão, o que nos faz pensar em quatro números.

C. B.

Fevereiro de 1988

ENSAYOS DE LITTERATURA

O Barqueiro do Cayado

ENSAIOS PRATICOS DA MOCIDADE.

I > *Gutta non carat lapidem vice, sed stepē cadeudo.*

Quando emprendemos a publicação de nossos ensaios literarios, bem conheciamos nós, que nos saltarião as forças nestes tempos difficeis de publicidade; mas a santidade de nossos desejos, reunida a de nossos esforços dava-nos a esperança de poder ser desculpada a ousadia da empresa.

Não nos move um vão orgulho, porque o não, temos conhecido a pequenez de nosso engenho, e a insufficiencia de nossas forças; sorri-nos com toda ajuada esperança de se nos tornar em conta nossos trabalhos.

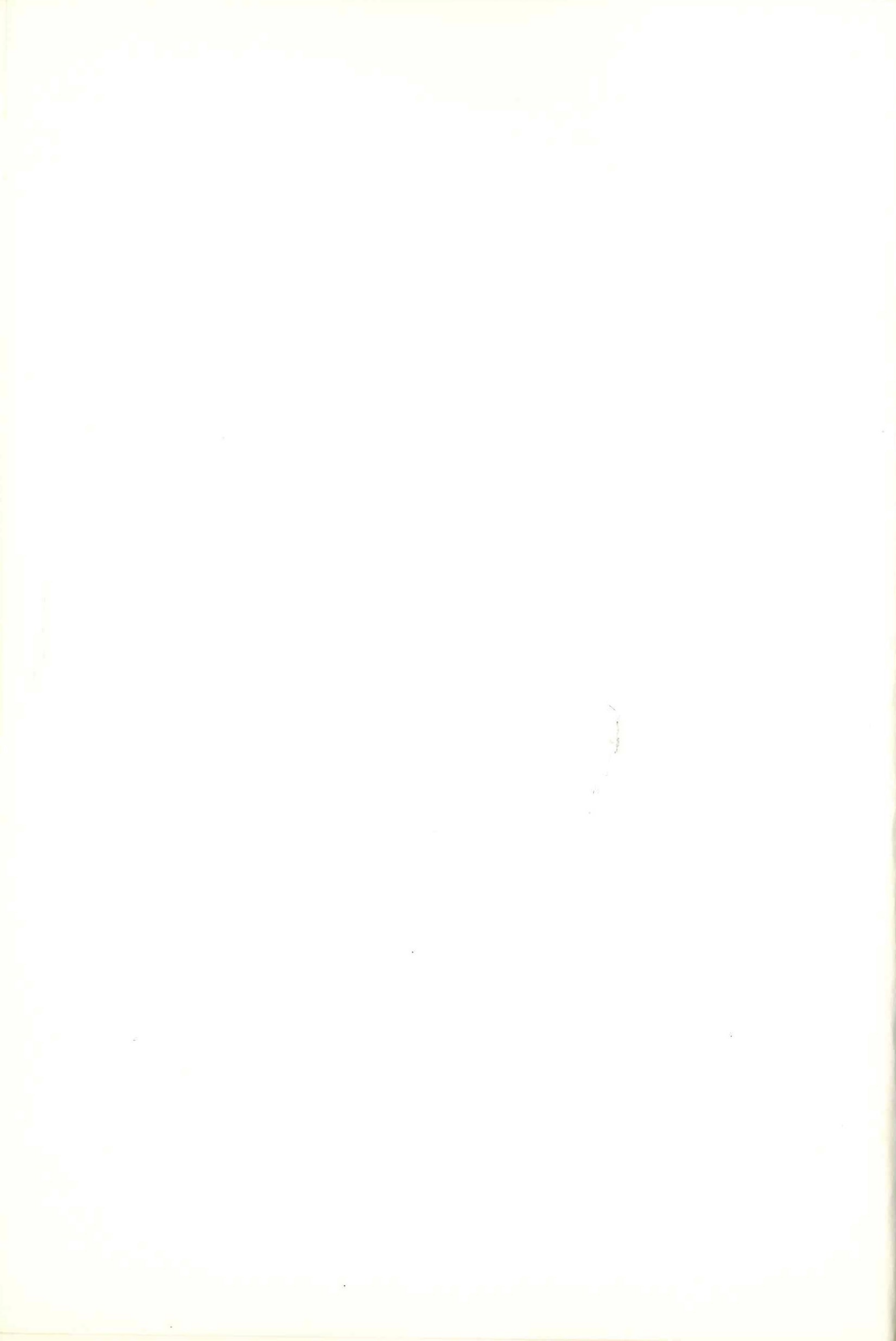
Intermediando o util com o delectavel, a moral com a litteratura, já do nosso, já do alheio; tal será a bussola, que nos dirigirá os passos.

São primicias d'um terreno esteril, e inculto, que vos offerece — **MOCIDADE BARCELLENSE** — como testemunho da sua mais alta consideração e estima.

Barcellos 25 de Outubro de 1853 —

O vosso concidadão e amigo

José Silveira da Silva



O BARCELLENSE

2

São poucos e contraditórios os dados publicados, até ao momento, sobre este jornal. Também ainda não me foi possível consultar os primeiros números, pelo que, para determinado período da sua publicação, me limitarei às notas publicadas por diversos autores, embora chamando a atenção para um ou outro ponto discordante.

Há, apesar de tudo, uma certa unanimidade na data apontada para a sua fundação: Outubro de 1859. O mesmo já não podemos dizer quanto à data da sua suspensão: Lopes de Oliveira fala em 1873, A. Paes e Falcão Machado referem 1878; o certo, porém, é que existe na Biblioteca Pública Municipal de Barcelos o nº 38, da 7ª série, datado de 9 de Fevereiro de 1882. O próprio A. Paes fala em "séries".

"A Folha da Manhã" de 12 de Outubro de 1882, noticiando a morte de José Silvério da Cunha Osório, diz ter "O Barcelense" suspenso há pouco, pela última vez, a sua publicação.

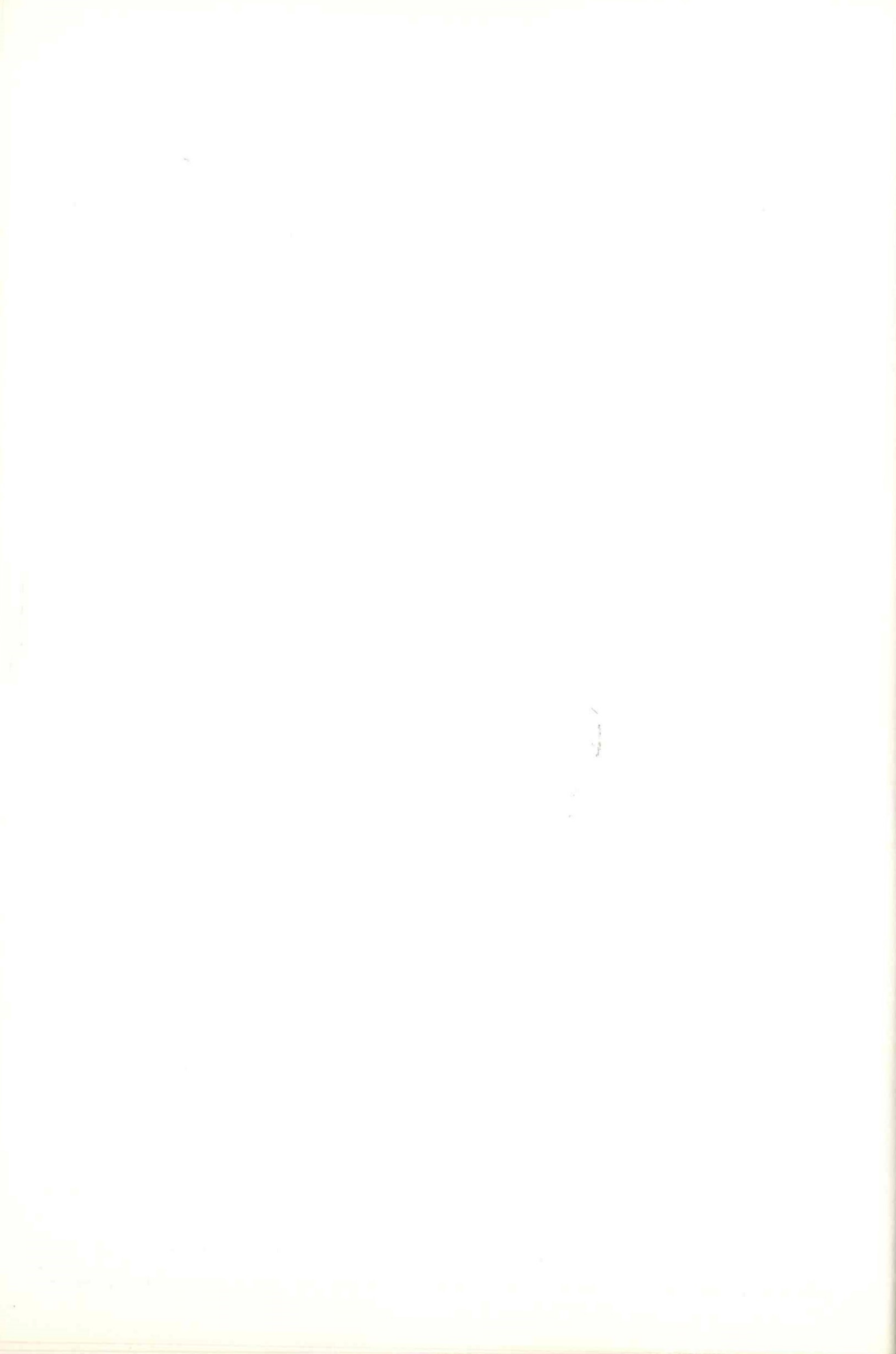
O exemplar mais antigo existente na citada biblioteca é o nº 2 do I ano, de uma série que não pude determinar, e é de 9 de Janeiro de 1873.

Diz-se "Periodico politico, litterario e noticiozo", tem o formato 25 x 37, 4 páginas a 3 colunas, publicando-se aos domingos e quintas-feiras.

Lopes de Oliveira classifica este jornal de semanário, mas logo a seguir, diz que se publicava naqueles dois dias da semana. Diz ainda que era responsável pela direcção António R. F. B. (António do Rego Faria Barbosa), e que reapareceu, em 15 de Março de 1865, com caracter liberal progressista, dirigido por José Silvério da Cunha Osório, tendo como director político J. Baptista de Lima e administrador João Evangelista de Lima, publicando-se às quartas-feiras e sábados.

O nº 2, de 1873, aparece com a mesma direcção, mas publicando-se aos domingos e quintas-feiras. Era impresso na "Ty. Barcelense", ao Campo da Louça, nº 11, e o seu preço era de 30 reis. Desta série vi até ao nº 70.

Ligeiramente maior, com o formato 30 x 41, igualmente de 4 páginas, mas a 4 colunas, publicando-se só às quintas-feiras, apa-



rece uma VII série em 19 de Maio de 1881.

Continuava a custar 30 reis, e assinava-se na Casa de A. J. Monteiro de Lima, à Rua Direita. Tinha como editor responsável João de Sá Faria.

No cabeçalho do nº 24 desta série, passou a ler-se "7ª Vez" em lugar de "VII Série".

Vi até ao nº 38, de 9 de Fevereiro de 1882.

No nº 1 da série iniciada em 1873, podemos ler: "Reapparece o Barcellense, entregue a si mesmo, sem pedidos, nem protectores d'assignaturas. Quem reconhecer que o Barcellense sahe com sacrificios do seu proprietario, com o fim unico de restabelecer a moralidade e a justiça, nesta nossa terra, assigna-o; -quem não quiser ou se convencer do contrario - amigos como d'antes."

Segundo A. Paes, Francisco Simões Duarte Lira teria comprado uma tipografia e oferecido a José S. da C. Osório, "a fim de este montar um jornal politico, de feição historica."

Em 23 de Janeiro de 1873, Cunha Osório, que era advogado, escrevia: "Sentimos prazer em restabelecer a verdade dos factos; - porque o Barcellense não nasceu para calumniar; nasceu para profligar os corruptos e devassos, estejam onde estiverem, occupem a posição que occuparem".

Este estado de coisas, segundo A. Paes, "creou a necessidade da fundação de outro jornal politico, que o combatesse; porque o Osório, só no campo, era terrível, não respeitava ninguem; era honesto, lavado (do espirito entenda-se); era a aurora da liberdade d'imprensa, que despontava em Barcellos, que algo lhe deve".

N'A Lagrima de 1 de Setembro de 1901 lê-se: "periodico que, apesar de varias interrupções aparecia sempre que um escandalo ou injustiça revoltava a opinião do povo de Barcellos".

C. B.

Março de 1988



O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOZO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 8

AS BALAS DE PAPEL

E' uma frase vulgar dizer-se, que os typos da imprensa não produzem maiores effeitos do que as *balas de papel*: uza da frase o homem de convicções, e uza da frase o homem perdido.

Tocam-se os extremos, e não é nelles, que costuma estar a verdade. As grandes nações possuem *todas as industrias*, e diz-se, que na Inglaterra havia uma de um jornal, onde toda a injuria tinha cabimento, segundo o preço.

Tambem, entre nós, em Lisboa, já houve uma *industria* d'esta ordem, que acabou, sendo os seus authores, postos em terra firme, nas costas d'Africa.

A uma imprensa de tal ordem, a escriptos de uma tal gente, decerto que os effeitos, que produzem, correspondem ás chamadas *balas de papel*.

Temos força e orgulho bastante para repelir os que nos queiram enfileirar no numero desta gente;—temos convicções, que são nossas, e que, as não vendemos a preço d'ouro vil.

Desadoramos a imprensa politica, que só vê os homens segundo as suas paixões;—que ataca os seus adversarios, com insinuações malevolas, o que inventa crimes, onde não ha sombra d'elles.

O homem honrado é sempre o homem honrado, e toda a insinuação malevola, que se lhe fizer, mais cedo ou mais tarde produz o seu effeito;—servo para o tornar mais querido e estimado dando realce ao seu bom nome:—são *balas de papel* que se vão confundir com o lixo onde nasciam.

Mas já não é assim, a imprensa livre, a imprensa conscienciosa, que ataca o homem vivo—o homem do poder, que tem todos os meios ao seu alcance para amagar, quem lho faz injuria.

Quem aponta factos, não faz insinuações, e as leis offerecem meios para reprimir os que abuzam da liberdade da imprensa. Se ha palavras, se ha escriptos, que são materialmente *balas de papel*;—tambem ha palavras, ha escriptos, que ferem, matam, roubam o somno e desfinha a existencia: tudo está na verdade.

Quem tiver consciencia dos seus actos, não pode receiar-se da imprensa, que dirigimos;—os que pervertem, esses sim, precisam confundir, artabjar adeptos para o seu partido, e chamar *balas de papel* aos escriptos desta imprensa.

A estes respondemos—aos tribunaes; a justiça é vossa, e vivemos na mesma terra em que viveis; os escriptos vão assignados!

Estas palavras—*balas de papel*—é a frase favorita dos corruptos;—são os ultimos esforços dos que tem molestada a consciencia:—*quem não deve não teme*.

O *Barcellense* tem ao seu passado, por elle tem conhecimento os nossos leitores, que dous ministros, em diferentes epochas, desceram a dar-lhe explicações, e que pelos poderes competentes, em vistas das suas accusações, algumas syndicancias se fizeram: é que a verdade é uma só.

CUNHA OZORIO

A comarca de Barcellos, que ainda hoje não é das mais pequenas, era outrora de proporções gigantescas!

Abrangia na sua area, alem das actuaes freguezias, algumas da comarca de Braga, outras da de Guimarães, toda a comarca de Villa-nova do Famalicão, a maior parte das do julgado da Povoia de Varzim, algumas do de Espozendo, todas as da margem esquerda do rio Lima, pertencentes hoje á comarca de Vianna do Castello, e muitas da do Póvo do Lima.—eram ao todo 360 e tantas freguezias.

A comarca era composta de 5 julgados, denominados assim—*de Faria, da Verminim, de Penafel, da Neiva e d'Aguiar do Neiva*.

A freguezia de Barcellinhos pertencia ao julgado de Faria, e a Villa de Barcellos tinha e tem demarcação própria com marcos d'aristas reais, pertencentes á Sereníssima Casa de Bragança: esta dividio-se d'aquella pelo centro do rio.

O organismo judicial era composto de 4 juizes com funcções distinctas,—escrivães proprios, melrinhos, officiaes de diligencias e quadrilheiros; e o juiz Corregedor estendia a sua alçada, a Melgaço e Cas-

tro Laboreiro, Louzadá e Ferreiros do Tendaes, Condeixa etc. etc.

Ou por necessidade ou por abuzo, na parte mais central de Barcellinhos podiam estar e estavam juizes e escriptaes, etc. etc.

Dizemos por necessidade, que parte do organismo judicial occupava o centro da freguezia de Barcellinhos, porque n'aquella epocha, em que fallamos, mais de 400 familias viviam da justiça, e tinham necessidade de procurar edificação, onde a houvesse.

Hoje, já não é assim, a população diminuiu, e as casas são sufficientes para as necessidades dos concorrentes, e tanto que o actual snr. juiz de Direito viveu mais de dous annos nesta villa—cabeca de comarca, tendo caza, em quanto quizesse estar; e se mandou para Barcellinhos, foi porque quiz, porque ali tinha sua propria.

Mas é impropria a caza, porque está n'uma extremidade d'aquella freguezia, e não está, nem ao menos, dentro da antiga area.

Depois de 1834, todos os juizes legem vivido dentro da Villa, pois é esta a cabeca da comarca.

A permanencia do actual snr. juiz de Direito no alto de Vessadas, arrabalde da freguezia de Barcellinhos, traz incommodos e inconvenientes gravissimos, ás partes:—so se quizer tirar uma folha corrida, tem-se de percorrer de tres a quatro kilometros.

A comarca de Barcellos, trabalhosa, como é, não dá tempo para distracções, e não é a primeira vez, que se procura o snr. juiz, e se responde—que está a ver as obras na quinta; e outras vezes, occupado a vigiar, que os rapazes lhe não vão á lenha!

Esta comarca é composta de onze mil e tantos fogos e é duro que tanta gente se incomode por causa de um só homem, a quem paga e retribui equidignamente.

Dizia-se á boca pequena, que o snr. juiz para attenuar esta dureza, vivia todos os dias ao Tribunal;—pois, até hoje, fora das audiencias, nem uma só vez!

Voltaremos a este assumpto, pois elle é digno, por conveniencia de todos, do ser tratado mais amplamente, e então diremos

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

DEPARTMENT OF CHEMISTRY

RESEARCH REPORT

NO. 100

BY

7

O ECCO DE BARCELLOS

3

Bissemanário regionalista, fundado em 13 de Outubro de 1860 por João de Mattos de Faria Barbosa e David de Barros da Silva Botelho, que acordaram que o jornal "fosse encimado pelo novo braço das Armas de Barcellos, bem assim como pela oitava 81 do poema epitalamio de Manoel de Gallegos:

Só em Barcellos houve allardo um dia
Em que o sol pelos campos dilatados
com terrivel e fera galhardia
Desassete mil peitos viu armado."

Publicava-se às quartas-feiras e sábados, e custava 30 reis. Tinha 4 páginas a 3 colunas e terminou a sua publicação em 19 de Outubro de 1861, com o nº 101.

Como editor responsável e redactor principal figurava David de Barros da Silva Botelho. A Redacção e a Administração situavam-se na Rua Direita, bem como a Tipografia de José Alves Valongo e Sousa, onde o jornal era impresso.

"O Ecco tinha muitas assignaturas", diz A. Paes, que continua: "sustentou um character sério; os artigos politicos eram muito bem escriptos, distanciando-se muito dos do Barcellense, em forma e em conceito."

Em editorial do nº 1, lemos: "O Ecco de Barcellos vem hoje alistar-se na fileira dos soldados do progresso, da liberdade, e dos melhoramentos materiaes e moraes deste paiz.

"Advogado noviço e humilde, pouco póde em favor da grande causa, que ahí se pleitêa com brilhante denodo desde 1820: mas como leal e dedicado combatente, nem temerá o perigo, nem se poupará ao trabalho.

"Discutir lucidamente as importantes reformas de que o nosso paiz carece; tratar com proficiencia as grandes questões economicas e administrativas que agitação a imprensa periodica, e sobre a resolução das quaes pousa o futuro da Patria, he tarefa superior a tão pequenas forças como as nossas."

Como o jornal era impresso numa tipografia particular e que

além da despeza lhe trazia outros inconvenientes, levou à sua suspensão, que se previa temporária.

No último número publicado lemos: "Resolvêmos por isso estabelecer typographia propria, sob a nossa immediata direcção, e suspender a publicação do jornal em quanto diligenciamos a realização deste nosso proposito.

"O Ecco de Barcellos desaparece pois, temporariamente, da arena da imprensa".

Afinal, tal não aconteceu, não voltando o jornal a aparecer.

C. B.

Março de 1988

ANNO 4560 - NUMERO 1.

G. E. B.
BIBLIOTHECA

SABADO 13 DE OUTUBRO

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Lá que o Sol pelos campos dilatados
Foi terrível a fera galhardia
Desacete mil peitos vio armados.

!Pocma Epitafio de Manoel de Gallegos. Oitaca 81!

REDACÇÃO PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL: D. THEO DE BARROS E SILVA EDITOR.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABADOS.	EM COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2400	Numero avulso 20 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 10 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno..... 2200
Por seis mezes..... 1200	Os anuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas do porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes..... 1100
Por tres mezes..... 600	Assigna-se em Barcellos na loja de Antonio Joaquim de Miranda Villas-boas.	Por tres mezes..... 570
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

Reproduzimos o *Prospecto* com que foi annunciada a publicação deste Jornal.

PROSPECTO.

Um novo Periodico vai publicar-se em Barcellos com o titulo de *Ecco de Barcellos*

Esta Villa, tem já um representante na Imprensa; mas por elle, e pelo desamparo de quasi todos os Governos, fraca ideia poderão fazer de nós, os que não conhecemos de perto os recursos de que a natureza dotára; e a civilisação já dispensára a esta formosa povoação.

Cortada pelo Cavado, que a pequena distancia tem a sua Foz no Oceano, offerecerá esta Villa vantagens commerciaes de primeira ordem, quando hum Governo providente olhar seriamente para a pouco custosa canalisação do nosso Rio, cujas margens, pela sua fertilidade, são da maior importancia agricola.

A estrada de Vianna, que atravessa pelo centro da Villa, augmentou já as nossas relações; mas não fez mais do que mostrar a possibilidade de um verdadeiro engrandecimento. São precisas novas communicações para que Barcellos chegue ao

que pôde ser em seu proveito, e em proveito de outras Povoações do centro da rica Provincia do Minho.

A população Barcelloense é illustrada e patriótica, bem digna do auxilio e consideração do Governo, fe da estima e respeito das Povoações vizinhas.

Mas nem os Governos, nem os visinhos, não poderão crer nas suas virtudes e illustração, pelo que de cá lhes conta um Jornal, que não soube, não quiz, ou não pôde elevar-se á altura e dignidade da Imprensa periodica.

E para representar dignamente esta população briosa, advogando os seus interesses especiaes e os interesses geraes da provincia do Minho e de todo o paiz, que o *Ecco de Barcellos* vai apparecer no proximo mez de outubro.

BARCELLOS 12 DE OUTUBRO.

O *Ecco de Barcellos* vem hoje alistar-se na fileira dos soldados do progresso, da liberdade, e dos melhoramentos materiaes e moraes deste paiz.

Advogado noviço e humilde, pouco pôde em favor da grande causa, que'ahi se pleitea com brilhante denodo desde 1820: mas como leal e dedicado combatente, nem temerá o perigo, nem se poupará ao trabalho.

Discutir lucidamente as importantes reformas de que o nosso paiz carece; tratar com proficiencia as grandes questões economicas e administrativas que agitam a imprensa periodica, e sobre a resolução das quaes pousa o futuro da Patria, he tarefa superior a tão pequenas forças como as nossas. Mas se o nosso proprio brado, nesta gloriosa luta de principios e doutrinas, não fór de grande valia por fraco e humilde, nem por isso parecerá inutil que façamos ecoar nas margens do Cavado aquellas grandes verdades que forem atravessando pelo filtro da livre discussão.

FOLHETIM.

O REMORSO.

Consciençial jair interno,
Implacavel, pavoroso,
Tu tornas horrído inferno
O existir do criminoso!
De teus brados quem se exima,
Quando, reu de enorme crime,
O peito lhe esmaga o opprimo,
Dese Deus que tudo adora
Incessante, um pézo ingente?!
Es a espada aterradora,
Que chameja, ameaçadora,
Ante a fronte ao delinqüente!

Que é do tempo bello, ameno,
Decorrido na ventura,
Em que prazer lam sereno
Gozara esta alma, inda pura?!
Passava tranquillo o dia;
Fleto a noite dormia;
Distraçava essa alegria,
Que te paz do dentro vem!
Mas do crime ao torpe alento,
Fugiu ludo, a um momento;
E esta vida de tormento
Um só remano não tem!

Quem zombou da sociedade
Como eu n'out'ora zombei;
Quem a taça da maldade
Esgotou, como egotei;
Quem com novo, atroz delicto,
Sufocava o infimo grito
Que lhe dizia: «Es maldito,
Es um monstro abominando!»
(Quem do Creador blasphemava,
Seus procellos desprezava,
E suas leis aos pés calcava,
Que lhe resta... ao miserando?!)

O remorso... eterno, immenso,
Em quanto a vida durar!...
Um soffrer perenne, intenso,
No cadafalso expirar!...
E dos homens offendidos
Lovar, em vez de gemidos,
Do adeseus ternos, sentidos,
Mortal odio, maldição!...
A seus juizos reverencia,
Que tam perversa existencia
Não é digna de clemencia,
Nem meroco compaixão!...

Des'que o sol começa o monte
A durar e a luz que lança,
Ato que, sob o horizonle
Desparecendo, decaença;
Triste o rosto e carregado,

Taciturno, insosegado,
As horas passa o malvado;
Vivo fogo a alma lhe inflama;
Combater embalde lenta
Essa agonia violenta
Que de continuo a tormenta
« Vingança! » todo lhe clama!

Se o mais ligeiro ruido
Vem seus ouvidos ferir,
Ao coração comprimido
Sente o sangue relluir!...
Crê das victimas as vozes
Ouvir, terríveis, fortes,
Entre imprecações atrozes
Por castigo a Deus bradar!
Ou do carrasco as passadas,
Graves, horridas, passadas,
Pela abobada abafadas,
Julgo, pavidio, escutar!

Quando a noite o escuro manto
Desenrola sobre a terra;
Quando de trevas o espanto
Se cobra tudo o que encerra,
Mais horror ao seio desce
Do criginoso, e mais cresce
A chama que lhe escandeeo
O angustioso coração!...
E o somno, amigo proprio
Do que isento está do vicio,

biblioteca
municipal
barcelonès



56095

Imprensa barcelense